

# ÉTICA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES À SUSTENTABILIDADE

Debate o Discussión em Teoría Social

GT 15 –Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento Sustentável

LIMA, Ângela Kerley Pereira. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,  
PRODER/UFCa, angelalimaufc@gmail.com;

AGRA, Fernanda Silva Luna, Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável, PRODER/UFCa,  
joca.03@hotmail.com

CHAGAS, Danyelle Queiros Lima. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,  
PRODER/UFCa, danyqueiros@bol.com.br;

GONÇALVES, Jaqueline Santos. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,  
PRODER/UFCa, jaqueline\_goncalves@yahoo.com.br;

SILVA, Rebecca Isabelle Herculano, Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,  
PRODER/UFCa, rebecaviolino@hotmail.com

## Resumo

Esse trabalho tem a intenção de discutir a educação e a ética como bases indissociáveis na construção de sujeitos sustentáveis. A ideia central é provocar reflexões acerca das posturas éticas e como estas influenciam nas relações dos sujeitos envolvidos no processo educacional, bem como, na construção de valores que serão externalizados nas relações sociais entre os sujeitos, e desses com o mundo. Pensar em sustentabilidade, portanto, é agir harmoniosamente com a natureza, mas também, é ir além da conservação ambiental. É preciso primeiro pensar em seres sensíveis com outros sujeitos e com a natureza, ambos, extensões de si próprio.

**PALAVRAS CHAVES:** Ética, Educação, Autonomia.

## Introdução

É possível tornar um homem autônomo de modo que ele possua uma ética humanizada? Uma postura que não se restrinja a espaço e tempo, que seja uma marca humana produzindo decisões e ações proporcionadoras de bem estar do outro e da natureza? Então, hoje, quem fomentaria esta formação do homem? Ciência ou Educação? Estes dilemas nos impulsionam a repensar o papel das duas áreas do conhecimento dentro do contexto social capitalista em que o dinheiro é o senhor dos tempos, as relações são superficiais, objetos são mais valiosos que o essencial da vidacotidiana e a natureza é um produto capitalizado.

A partir deste quadro passamos a articular o nosso pensamento nas tessituras que interligam as temáticas motivacionais.

A princípio a ética humana como base das posturas e, principalmente, das ações políticas e sociais torna-se a nós um dilema significativo, pois entendemos que esta revela o tipo de relação humana com seu mundo. E como fonte impulsionadora está a educação. A educação não alienadora, libertadora e promotora de autonomia, na qual para nós seria o caminho ideal.

Tentaremos, portanto, refletir acerca destas ao longo deste artigo.

## **A Motivação que não se conclui**

Inquietamo-nos para entender a contribuição consorciada entre o ser ético e o papel da educação nos vieses da problemática relacional entre o homem e a natureza dentro de um contexto dual maior.

Na produção do conhecimento temos de um lado a ciência positivista, e do outro, a educação humanizadora defendida, inclusive, por Paulo Freire. Duas vertentes que se colocam opostas na produção de conhecimento, ao mesmo tempo em que possuem um ato que não se converge na essência da práxis: a autonomia.

Refletimos, portanto, se a mudança radical de pensamento e uma nova postura ética será o caminho para que os sujeitos possam ter uma autonomia genuína em que as relações sejam pensadas e praticadas sustentavelmente em uma escala global.

Por isso, não nos obstemos em colocar, entre outros, mais principalmente os que se seguem como discussão correlatas e pertinentes para compreendermos a nossa inquietação, os (des)caminhos da ciência dogmática e da educação humanizadora.

Primeiro temos uma ciência objetiva e generalizadora aceita por suas verdades absolutas e, depois, a educação humanizada que recria a sensibilidade e permite subjetividades como ponto de liberdade expressiva e criatividade, compreendidas no mundo vivido de cada sujeito, no entanto, não menos produtora de conhecimento científico.

Em ambas, as dimensões políticas, éticas e epistemológicas as justificam. Deixam em si um desafio de compreendê-las como uma influência no reencontro do homem com sua humanidade.

Ao pensarmos as contrariedades que a ciência fundamentalista trouxe à humanidade voltemos ao tempo histórico lembrando alguns acontecimentos que no cerne da intencionalidade provocou grandes catástrofes socioambientais ao planeta.

A partir do iluminismo, com sua ideologia de liberdade, igualdade e fraternidade à todos que nunca aconteceu sob os fomentos do capitalismo. As duas guerras mundiais que promoveram as atrocidades com a natureza física e humana. Bombas que acabaram com ambientes naturais mataram e mutilaram pessoas.

O racismo nos níveis de pele, raça ou espaço geográfico levaram a escravidão do corpo do ser humano, bem como, suas mentes, com exploração do trabalho, massacres, torturas, chacinas de povos e de suas culturas. Marcando um tempo de horrores.

Silenciosamente uma nova forma de violência é introduzida na reconstrução da humanidade e do planeta: o capitalismo industrial. Este em forma de salvação desenvolvimentista enraíza-se tanto no espaço físico como nas relações sociais.

A modernidade fomentada por produtos deste capital, aliada a imprensa que propagou no discurso e na imagem uma ideologia da pseudoconcreticidade do ter.

O crescimento urbano, assim como o modo de vida urbana e suas demandas de serviços. Elegendo espaços geográficos específicos as potencialidades naturais para explorações e outros para centro comercial passaria a escravizar de outra forma o homem, o seu tempo e seu espaço. A mais valia entra em cena.

A globalização perversa trás consigo a homogeneização que desterritorializa e marcar com a revolução técnica científica informacional uma produção exacerbada para um consumo, também, exacerbado.

Absurdamente causou a degradação da água, do ar, da flora, da fauna e do homem. Provocou dívidas externas, submissão de países subdesenvolvidos aos desenvolvidos. Aumentou a pobreza e a miséria criando um campo cada vez maior de diferença social, ou seja, promovendo o movimento inverso social: excluído para não incluir.

A massa trabalhadora e sua permanente necessidade do que é básico para sobreviver, mais com a ilusão de um dia atingir a igualdade social de alto padrão, no sistema capitalista, deve ser alimentada.

São estas algumas evidências que nos levam a crer cada vez mais no processo de alienação causado por este sistema fomentado pela ciência e a técnica que lhe são subservientes.

O processo de autonomia dos sujeitos, desta forma, é refreado pelo sistema maior: a economia que dita a política, e ambas, que gestem o social.

A autonomia dos sujeitos sofre um xeque mate. Para que ela própria aconteça em plenitude é preciso desconstruir para construir em um processo evolucionista interminável no campo do saber humano norteado por outra ética, assim poderemos ter um novo momento planetário.

Sendo a educação um movimento essencialmente autônomo que faz o seu próprio lugar, então, colocamos e nos colocamos no conflito entre a ciência dogmática e esta. Segundo Bastos Filho (2002), “A ciência normal se apegaria ao dogma, que é seu paradigma dominante. A educação, por outro lado, se for genuína e não mero adestramento nem treinamento têm de ser necessariamente crítica.” (P.62)

Notamos no descrito acima autor argumenta que o processo e a função das duas vertentes estão ligados intrinsecamente a sua epistemologia e o posicionamento ético de cada uma.

Creemos que cada uma em si só pode ser entendida no processo político. De alguma maneira o conflito existencial de seus posicionamentos possui uma analogia quando pensamos no debate de suas práticas quando se discute a ciência dogmática e a educação tradicional.

Quando problematizamos as contribuições e interferências das duas na dinâmica socioespacial em qualquer escala geográfica entendemos que os impactos causados por estas podem ser discutidas em um mundo de contracorrentes, principalmente porque, pensamos que a real sustentabilidade do planeta só pode ser efetuada quando houver o desenvolvimento humano, ou seja, o despertar do homem sensível, criativo e fraterno e não alienado pelo radicalismo.

Sendo de bom alvitre acerca de posicionamentos radicais citarem continuidade Bastos Filho (2000): “Uma luta consequente por um mundo sustentável e justo deve afastar-se, igualmente, de duas atitudes extremistas, por um lado, pela reação neoromântica que representa uma hostilidade radical pela ciência e, por outro lado, na apologia triunfalista e cega da ciência.” (P.85).

Fica entendido que a ciência deve ser parte do processo educativo e o processo educativo deve fazer ciência. Ambas se entrelaçam na busca do conhecimento científico fazendo sentido quando contextualizadas na praticidade humana das experiências cotidianas.

Na verdade, motivar-se, descobrir, entender e praticar algo é um processo científico. Daí a essência de pensar “o conhecimento como uma tessitura de saberes” Morin (2011). A ciência não pode ser vista como a vilã da catástrofe humana, mas sua epistemologia pode ser questionada. Assim sendo, será a educação e a ciência entre si a fórmula *Sine Qua Non*?

É necessário nos desconstruir e nos reconstruir com autonomia. O sujeito que a tem é capaz de refutar e aceitar o novo e o tradicional quando em um processo reflexivo e crítico lhe for justo enquanto sujeito, sobretudo coletivo. Este estado de ser é possível no processo educativo formal ou informal porque a educação é um processo autônomo.

### **A educação na pertinência da autonomia**

Como já falamos outrora a reforma da educação é pertinente, porém, não é apenas uma reforma no currículo, em acréscimos de novas disciplinas, mas, na reorientação do homem a convivência de um habitat mais harmonioso possível. De novas posturas e consciência com o outro e o mundo. Da capacidade de interligar o local com o global e, acima de tudo, de viajar por dentro de si abrindo os olhos com sensibilidade para tudo que se encontra fora de si.

Tudo isto nos faz pensar no renascimento de um novo cidadão. Um cidadão sustentável, principalmente, porque o homem sujeito humanizado recebe o devido respeito, no mesmo tempo em que, respeita o que está fora de si e é parte de si.

Bem, o que poderia fazer indivíduos humanos? A resposta é logo imediata: a cultura e a educação. Estas dimensões são indissociáveis a condição da humanidade. Sem elas predomina-se a animalidade. A educação por sua vez volta-se ao processo de decifrar os conhecimentos e não poderia realizar fragmentações para não fomentar a desconexão entre estes.

Morin (2011) critica a fragmentação do conhecimento que a ciência produz em forma disciplinar. Uma vez fragmentada fecham-se em si provocando uma disjunção entre a humanidade e as ciências. A disciplinaridade provoca o enfraquecimento da percepção do global, por consequente, tornando o homem, também, fragmentado. A educação tradicional foi a mais bombardeada por tais posturas. A crítica teve a possibilidade de dar outro caminho à humanidade. E porque não deu?

Essa pergunta nos leva novamente a pensar a quem devemos culpar? A ciência ou a educação? Em ambas? O processo educativo formal que ocorre na estrutura pedagógica curricular da escola, quando não se propõe uma educação interdisciplinar, torna-se um veículo antagônico à condição humana já interrogando o posicionamento do ser humano no mundo.

Em continuação a crítica de Morin (2011) “A ciência moderna baseou-se na ética do ‘conhecer por conhecer’[...] ciência totalmente determinista, que ocultava o indivíduo, o sujeito e a autonomia.”(p.34-35).

Exatamente no tocante das interferências do sujeito na natureza, em que este a trata em um processo de antisustentabilidade, possibilita à crítica da omissão ética da ciência. Ou então, a prática ética da ciência não condiz com a devida ética guardião que a natureza em seu estado puro necessita.

Qualquer leitor familiarizado com os escritos acerca do capitalismo sabe que a produção está relacionada com a manipulação do consumo desenfreado e que para isso é preciso explorar e coisificar a natureza. A ética, neste sistema, é camuflada em nome da ditadura do dinheiro em seu estado bruto.

As discussões desses dois pontos podem partir do processo das relações educacionais, educador e educando, tendo como base a construção do conhecimento crítico e autônomo.

Nas teorias de Paulo Freire é impossível não visualizar relações educacionais construídas por meio da sensibilidade amorosa, generosa e esperançosa. De ver o outro como ele é valorizando seus próprios conhecimentos adquiridos em experiências de vida. O outro como gente em gênero, raça e condição social.

A postura ética e a generosidade esperançosa de Freire nos faz refletir na possibilidade real da construção do conhecimento crítico prático, humanístico e transformador por meio do ato de transpor a superficialidade do contanto.

A relação, também, permite a troca, o aprendizado e o ensino, entretanto, quem ensina aprende, quem aprende ensina. É uma relação simbiótica que faz as partes tornarem-se interdependente.

No processo de ensino-aprendizado aquele que ensina não está na posição de superioridade daquele que penetra no caminho de aprender por intermédio deste. Existirá um percurso circular, sem início e sem fim. O processo é cíclico. Sempre estará acontecendo para ambos. A diferença estará, apenas, na posição educacional momentânea da ação de educar.

Escreve Freire (1996): “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”. (p.23). Mas, Marx em uma tese de Feuerbach questiona: “Quem educará os educadores?” Este é um ponto provocativo à reforma intelectual do sujeito educador, da instituição e dos educandos, todos, na direção da autonomia.

Para está no processo da autonomia é necessário que a descoberta esteja para além da palavra escrita. É um ato encantador e faz as percepções tornarem-se aguçadas. Aquele que aprende tem maior profundidade no que se aprende.

Seria um ato de produção de sensibilidade? A sensibilidade surge mediante as interrogações criadas pelos sujeitos, em que estes, são os principais modificadores dos pilares da educação: escola, educador e educando.

A postura de quem interroga a realidade é incansavelmente defendida por Freire. (1984): “nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê?”. (p.87)

Pensamos que se as perguntas geram reflexões, as reflexões geram aberturas de outros olhares e o ser crítico surge, seja educador ou educando, ambos, aprendem no diálogo. O diálogo permite se reconhecer e conhecer o outro sem o isolamento de seus mundos.

Todas estas posturas conduzem a existência de um ser humano sensível a tudo e ao seu redor percebendo-se como parte da natureza. Vendo esta como um ser vivo tal qual ele é. A sua vida é uma extensão do meio natural.

A natureza para este sujeito sensível não é um objeto facilmente manipulado, mais será uma fonte de vida única convivendo simbioticamente e sustentavelmente. Conhecê-la é, também, se reconhecer. E, o conhecimento se adquire por meio de diversas linguagens.

Dizemos que conhecimento adquirido e aprendido não se faz e nem se tem apenas por meio das letras escritas, mas, por observações e reflexões do mundo vivido, vindo de palavras, emoções, sentimentos, sons, cheiros, expressões corporais, toques, experiências cotidianas do nosso mundo e do mundo do outro.

A educação ganha outra dimensão permitindo novas formas metodológicas não convencionais e cria uma nova atmosfera para o aprender e o ensinar. Uma educação crítica que faça ciência considerando os saberes do meio acadêmico e do senso comum.

Não há caminho para adquirir sensibilidade, autonomia e sustentabilidade se o sujeito não reconhecer a interligação existente entre as ciências e o ato relacional destas com os elementos da natureza que estão nele e em sua volta. Sendo assim, não existem partes sem seu todo e vice-versa. Segundo Pascal, apud, Morin (2011): “ ‘Considero impossível conhecer o todo sem conhecer especialmente as partes’ . Isso implica um caminho do pensamento ‘em vaivém’ “. (p. 149).

O pensamento sistêmico requer a ligação de todo conhecimento que se produz aprendendo a aprender juntar e separar ao mesmo tempo com análise e síntese considerando que esta prática estrutura o modo de pensar com liberdade e autonomia.

A educação em todos os níveis precisa ser uma ponte à compreensão da própria necessidade planetária, enquanto que, a condição humana refere-se a posicionamentos e escolhas, principalmente, entre o que é ter posturas humanizadas ou de animalidade, sendo assim, entra em cena a ética do humano.

### **A ética enquanto marca humana**

É possível pensarmos a ética de maneira prática e didática? Segundo Cortella (2010) a ética didaticamente é um conjunto de valores que direcionará as ações humanas para três questões da vida:

“Na vida nem tudo que quero devo, nem tudo que devo posso e nem tudo que posso quero. Mais, se tudo o que eu quero eu devo, se tudo que eu devo eu posso e se tudo que eu posso eu quero, na ligação da prática destes três processos existe paz de espírito, parece que podemos titular como uma boa ética, pois está conduzirá para tal ação.” (Comunicação Verbal)

Esta percepção acerca da ética materializa-se por meio das práticas sociais interativas na qual existirá um encontro de mundos emocionais, culturais e sociais de cada indivíduo em um mundo global

de outros. Caso os interesses sejam exclusivamente individualizados os ensejos de querer, dever e poder colocam a ética em centro queiramos ou não.

Assim sendo, estas três dimensões impele a liberdade totalizante social. Uma sociedade quando mais se desfruta de liberdades sem limites mais complexas será. (Morin, 2011).

Para Freire (1996) a ética pode ser confrontada por práticas adversas a seus valores. Contudo, o tipo de ética tratada seria aquela defensora do valor do ser humano em todas suas dimensões.

“A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe.”(p.16)

No processo de educação a relação educador e educando e suas práticas devem estar no rigor da ética segundo o autor. A ética como uma marca – marca que revela exteriormente quem se é e o que se faz. Algo, absolutamente, indispensável à natureza humana.

Chama-nos fortemente a atenção quando o autor diz que não somos seres determinados pelo meio e sim condicionantes. (p.15). O que nos desperta a sermos responsáveis pelas nossas ações e decisões revelando se somos humanos de prática sustentável ou não.

É preciso ser participativo, democrático e produtor de opinião para intervir nas decisões de dimensões políticas. Inserir-nos no processo de controle e organização de nossa sociedade. Buscar conhecimentos, alternativas e sermos criativos e perceptivos aos sinais da natureza e do outro que encontramos em nossos caminhos.

Existe um mundo dentro no ser humano. As experiências de vida, os saberes adquiridos com a vida, nas quais fazem cada ser próprio no mundo com seu mundo. Mostrando que somos sujeitos históricos, com uma cultura peculiar e que podemos ser autônomos e críticos no processo, principalmente, político. Mais, sabemos que existem dois caminhos nos nossos posicionamentos sociais e políticos: ser ético ou não.

A ética é questionada no âmbito cultural. Cada cultura, em seu recorte geográfico, possui peculiaridades comportamentais. O que nos leva a pensar em uma ética universal, já que entendemos a necessidade de formar sujeitos com uma cidadania planetária.

Freire (1996): Antes de qualquer escolha que façamos no nível de sujeitos – ação, que transforma, que rompe, que opina e faz opção, se não assumirmos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade mas não é uma virtude. E mais, é justamente neste véis “que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade.”(p. 17-18)

Um dos maiores males da humanidade tem sido a busca pela sobrevivência humana na ditadura do capital, na qual fragmenta, insensibiliza e no mais grotesco e perverso animaliza o que era para ser humano em essência de estar e ser: o homem.

Esta ruptura do homem é o desencadeamento célere de todos os impactos desarmoniosos na natureza fazendo o mundo insustentável. Torna-se urgente um novo modelo social, econômico e político que volte a perceber a essência da naturalidade da natureza em seu ciclo e papel no mundo. Trate o homem com afetividade e faça o dinheiro servidor do homem e não o homem servido dele.

As decisões políticas são norteadas ao lucro econômico e quase sempre nega a necessidade real social e ambiental.

Escreve Ignacy Sachs (1986 a): “A questão da ética ganha maior dimensão tratando que o desenvolvimento sustentável está muito mais ligado a posturas éticas do que a teorias econômicas, pois, está levaria ao caminho real da necessidade humana e não do controle social do consumo.”(p.16).

É interessante pensarmos que as práticas sociais estão embutidas de algum tipo de ética moral ou imoral e está define a identidade social do sujeito.

A ponte entre sustentabilidade e a ética é vislumbrar que esta se faz com práticas que formam o sujeito e com práticas que ele faz, portanto, o sujeito se complementa em um processo educativo. A educação se faz com sujeitos peculiares e em posições diferentes no processo educacional não desconsiderando os seus mundos construídos particularmente.

Devemos enfatizar que se somos sujeitos conscientes no nosso lugar e no mundo, dotamo-nos de responsabilidades, também éticas, com possibilidades de ações harmoniosas, justas e humanas.

Do nosso ponto de vista, é ilegítimo pensar em qualquer tipo de determinismo justificador da irresponsabilidade do homem. E isto nos leva a acreditar que a ética como marca humana fomentada pela educação torna-se intrínseca à qualidade de vida entre sujeitos e natureza.

### **À guisa da conclusão**

Este texto procurou apontar, por meio da reflexão, a necessidade do homem moderno voltar à sensibilidade de se reconhecer como parte da natureza, centrada na perspectiva da educação como fomentadora da ética enquanto essência humana. Envolvendo tanto a escala da sensibilidade, respeito e harmonia para com o mundo a sua volta, em meio ao dilema entre o papel da ciência e da educação no modular da sociedade, do sujeito e do mundo.

Contribuir para que o sujeito passe a ser sustentável – na qual a descrição deste termo parte, primordialmente, da construção interna do ser sensível – de valores, posturas e ações múltiplas conectadas entre si – há muita discussão a ser feita, envolvendo, outras áreas do conhecimento científico, bem como, outras temáticas.

A identidade do sujeito ao seu lugar e o lugar com essência de pertencimento e afetividade. A forma cultural deste em seu recorte espacial específico o que é fundamental para a compreensão antropológica de determinadas práticas e posturas éticas. Como se ensina e o que se ensina neste contexto cultural. São questões que podem nos fazer entender o sujeito e sua relação com o mundo.

A relação homem e natureza é muito debatida, muitas vezes banalizada e, outras, comercializada sendo cada vez mais necessário o debate. Diz Morin,(2011):“A idade de ferro planetária, uma época agônica [...] o drama do nosso tempo é a humanidade que não chega a nascer enquanto humanidade.” (p. 163-164)

Desta forma, o que é preciso ao homem para chegar à essência de ter tal humanidade? Sendo que tudo é parti de si. Nisto acreditamos que à sobrevivência humana a convivência harmoniosa com o universo tornar-se fundamental à existência. De modo que, Os educadores e cientistas que compreendem a importância da reconciliação de um novo sujeito e uma nova ciência para o mundo e outros sujeitos, com certeza, saberão encontrar outra ética ou reconhece-la como marca humana capaz de desconstruir o autoengano puramente econômico social.

### **Referências bibliográficas:**

BASTOS FILHO, J. B. (2000). *Sobre os paradigmas de Kuhn, o problema da incomensurabilidade e o confronto com Popper*. (Submetido à Acta Scientiarum).

BASTOS FILHO, J. B. (2002). *A ciência normal e a educação são tendências opostas?* In: BURSZTYN, Marcelo (org). *Ciência, Ética e Sustentabilidade*. (3ª ed.) São Paulo: Cortez; Brasília – DF: UNESCO.

CORTELLA, Mario Sergio. *Ética e moral*. Acesso em 05 de abril de 2010. Em URL: [www.youtube.com/watch?v=7md8u7p8mwig](http://www.youtube.com/watch?v=7md8u7p8mwig).

FREIRE, Paulo (1984). *Pedagogia do oprimido* (13ª ed). Rio de Janeiro, Paz e terra.

FREIRE, Paulo. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

KARL, Marx. (2004). *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Bomtempo.

MORIN, Edgar. (2011). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. (2ª ed.) São Paulo: Cortez; Brasília – DF: UNESCO.

SACHS, I. (1986 a ). *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. Tradução de E. Araujo. São Paulo: Vertice, (Terra dos homens, 1).